



O Salão que fez de Campinas pólo de referência em arte contemporânea

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

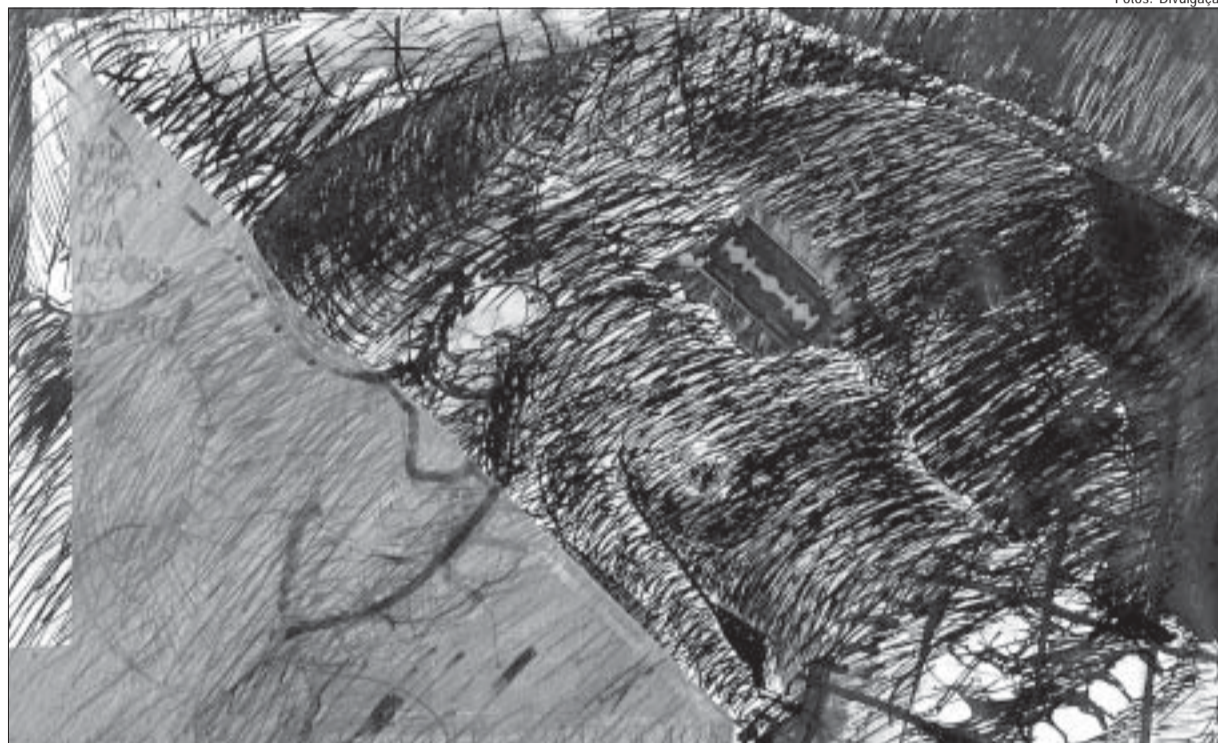
O Salão de Arte Contemporânea de Campinas, realizado na cidade entre 1965 e 1977, não só contava com obras de artistas de representatividade nacional – Antonio Henrique Amaral, Mira Schendel, Cildo Meireles e José Roberto Aguilar, entre tantos outros –, como também era considerado um dos eventos mais importantes da arte brasileira.

As exposições que aconteciam em Campinas só perdiam em repercussão para os grandes salões realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo. “Para um evento ocorrido em uma cidade do interior, a dimensão adquirida pelo Salão foi extremamente significativa, fazendo do município um ponto de referência da arte”, destaca a artista plástica Renata Cristina de Oliveira Maia Zago.

As notícias veiculadas na imprensa local e nacional da época, além de entrevistas com artistas e críticos de arte, ajudaram Renata a compor um verdadeiro dossiê sobre o período que marcou a história da arte na cidade de Campinas. A idéia surgiu com a descoberta, feita ainda quando ela cursava a graduação no Instituto de Artes (IA) da Unicamp, de documentos armazenados no arquivo do Museu de Arte Contemporânea de Campinas (MACC). “Percebi que eram registros valiosos, que poderiam levar a uma reconstituição da forma como ocorriam os Salões”, declara.

A artista plástica apurou que a estrutura de organização dos Salões, feita por críticos de arte, contemplava a escolha de artistas de expressão e de jovens que estavam despontando na carreira. Outra característica marcante eram as inovações que ocorriam a cada edição. “A preocupação era criar eventos de qualidade e, para isso, os organizadores também elaboravam estratégias para atrair o público”, explica.

Uma das principais inovações no padrão foi o Salão realizado no ano de 1975. Na ocasião, foram convidados 12 artistas que não trouxeram suas obras para expor. Eles apresentavam seus trabalhos por meio de slides, o que possibilitava uma interação entre o público, críticos de arte e os próprios artistas. “Foi uma das estratégias mais revolucionárias de que se tem noti-



História 3, desenho em nanquim e grafite com colagem sobre papel de Cildo Meireles, obra que foi exposta no Salão de Arte Contemporânea de Campinas



A artista plástica Renata Cristina de Oliveira Maia Zago: colocando Campinas no mapa das artes plásticas

cia”, detalha Renata.

Desde 1965, quando foi criado o Museu de Arte Contemporânea de Campinas, por iniciativa da Secretaria de Educação e Cultura de Campinas, através do apelo do Grupo

Vanguarda, que lutava por um local fixo para expor a arte contemporânea e acolher a primeira mostra, os críticos de arte eram escolhidos para estruturar os salões. “Isto constitui um diferencial, pois

eram convidados críticos como Aracy Amaral, Frederico Moraes e Walter Zanini, pessoas de muita influência no cenário da arte contemporânea”, explica Renata.

Os Salões de 1974 e 1975, por exemplo, chegaram a ganhar espaço em outros locais como Pinacoteca de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Sala de Difusão Cultural de Brasília. Além da mostra, mesas-redondas eram organizadas para atribuir um peso ainda maior ao trabalho dos artistas. Em 1976, não houve o Salão, mas sim a inauguração da nova sede do MACC, na rua Benjamin Constant, com uma exposição do artista modernista Alfredo Volpi.

O último Salão desta série teria ocorrido em 1977. O espaço que abriga o Centro de Convivência Cultural foi palco de uma grande feira livre. A proposta era realizar uma intervenção urbana com manifestações artísticas de todos os gêneros. O objetivo, no entanto, não chegou a ser concretizado. Nos anos de 1980, houve uma tentativa de retomada, mas depois de três edições, com caráter totalmente diferenciado, a iniciativa não obteve mais êxito, transformando o Museu de Arte Contemporânea em um espaço focado na arte fotográfica e digital.



O pesquisador Antonio Carlos Silvano Pessotti: nova metodologia

A matemática e o canto lírico

A matemática, quem diria, serviu de base para o pesquisador Antonio Carlos Silvano Pessotti identificar o estilo na interpretação de cinco cantoras líricas brasileiras. As técnicas complexas e os dados quantitativos confirmaram traços fonéticos para a produção dos estilos das cantoras e trouxeram uma nova metodologia para se chegar a resultados de estilo e interpretação. “Usei matemática pesada”, atesta o pesquisador, que também é cantor lírico.

Na pesquisa apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e orientada pela professora Eleonora Cavalcante Albano, Pessotti conseguiu detectar que, mesmo tendo a escola italiana como formação, nem todas as cantoras estudadas apresentaram características fonéticas desta linha. “As análises acústicas apresentaram revelações diferentes. Apenas duas cantoras deixam claro na interpretação a tendência em seguir a escola italiana”, explica o cantor.

No Brasil, segundo Pessotti, as duas grandes escolas predominantes nesta área são a italiana e a alemã. A italiana, no entanto, seria a mais evidente por ser considerada a língua perfeita. “Iluministas como Rousseau e outros já falavam e atestavam a supremacia do italiano”, argumenta.

O pesquisador buscou a relação do que se chama prosódia musical, que consiste na arte de fazer coincidir as acentuações das palavras com as acentuações da música, ou vice-versa, podendo até ser chamada de música da fala. “Para os intérpretes, este aspecto flui naturalmente”, esclarece. Por isso, sua pesquisa tem caráter inovador ao realizar o estudo com sopranos e identificar com números as teorias da linguagem que abordam o equilíbrio entre a música e a fala.

Os impactos da emissão de CO₂ na produção de isoflavonóides na soja

O aumento da concentração de CO₂ (dióxido de carbono) atmosférico pode fazer aumentar também a produção de isoflavonóides, substâncias de defesa encontradas na soja, que atuam como agentes anticancerígenos em humanos. Trata-se de um dos maiores valores agregados à planta. Por isso, a descoberta é bastante significativa do ponto de vista econômico.

O trabalho, realizado pela bióloga Fernanda dos Santos Kretzschmar, mostrou que as plântulas da soja, quando induzidas por óxido nítrico ou por fragmentos de parede celular de fungos e cultivadas em ambiente enriquecido com dióxido de carbono, podem potencializar a produção de diversos tipos de isoflavonóides, entre os quais, a genisteína. Os resultados da pesquisa foram apresentados no Instituto de Biologia (IB).

A questão, no entanto, explica Fernanda, seriam as consequências das condições ambientais e os efeitos que estas alterações provocariam nas interações entre planta e patógeno. Segundo a bióloga, uma das preocupações dos especialistas na área têm sido as previsões do aumento da emissão de CO₂ na atmosfera nos próximos anos, com as mudanças observadas no clima. Estimativas apontam que, em 2050, a quantidade do gás pode chegar a 760 ppm (partes por milhão), sendo que atualmente os níveis chegam a 384 ppm.

Diante deste quadro, explica Fernanda, há várias questões que continuam sem respostas, entre as quais, por exemplo, as espécies de plantas que se adaptarão aos níveis de emissões e às mutações dos organismos que as infestam. “Por isso, entender quais as pers-

pectivas de alterações no mecanismo de funcionamento do sistema de produção das substâncias de defesa na soja, contribuiria para futuras ações preventivas”, explica a pesquisadora, que desenvolveu o estudo no Instituto de Botânica de São Paulo, sob orientação da professora Márcia Regina Braga.

Amostras das plântulas de soja foram cultivadas em espaços denominados câmaras de topo aberto, com duas concentrações diferentes de CO₂. Para analisar o potencial de produção dos isoflavonóides, a pesquisadora introduziu na planta separadamente o óxido nítrico e fragmentos de parede celular de fungos, considerados potentes na indução da resposta de defesa. “Este tipo de teste simula as possíveis mudanças no padrão de produção das substâncias em condições climáticas diferenciadas”, esclarece.